

Rapto de portugueses confirmado pela Renamo

A Renamo reivindicou ontem em Lisboa o rapto dos portugueses Rodrigo Ferreira Azevedo e Joaquim Moreira de Sousa, ocorrido na sexta-feira passada na Moamba, província do Maputo, a cerca de 40 quilómetros da capital moçambicana.

Um porta-voz da organização acrescentou desconhecer ainda a identidade de três outros portugueses raptados em Nampula pela Resistência.

A Renamo — movimento de guerrilha moçambicano antigovernamental — adiantou que já por «diversas vezes e formas avisou que os Governos estrangeiros são responsáveis pela manutenção dos seus cidadãos em Moçambique» — disse a mesma fonte.

«O país vive um tempo de guerra e a manutenção de estrangeiros é perigosa para a integridade física deles» — salientou.

Para além de pedir que as empresas estrangeiras ou cidadãos estrangeiros que pretendam permanecer em Moçambique o façam nas cidades, a Renamo indicou que os portugueses referidos foram capturados em zonas de fronteira 100 por cento operacionais.

Destacou também que «não se responsabilizam pela futura integridade física deles», devido à situação de georra vivida em Moçambique.

Os dois portugueses identificados trabalhavam numa empresa portuguesa de reparação de estradas, a Tâmega, sobre os

outros pouco se sabe.

O porta-voz da Renamo em Lisboa, Jorge Correia, disse que a Renamo tentará, entretanto, «levar para zonas mais calmas» os portugueses raptados nas províncias de Maputo e Nampula.

A mesma fonte da Resistência Moçambicana adiantou que no passado dia 2 foi destruído um comboio em Maputo, entre Magde e Chokue.

Posteriormente, no dia 8, o primeiro batalhão da Renamo atacou e destruiu Marromeu, na província de Zambézia, considerado o maior centro açucareiro do país.

Neste ataque — disse — morreram 73 elementos da Frelimo, para além do comandante de batalhão e o primeiro secretário distrital do partido de Machel.

A açucareira, pertencente a

uma companhia britânica interencionada pelo Estado moçambicano, foi destruída e as várias toneladas de açúcar que lá se encontravam foram distribuídas à população local — declarou o porta-voz.

Ainda no mesmo dia e segundo a mesma fonte, foi destruído entre Sena e Caia um comboio militar que ia em socorro das forças que se encontravam em Marromeu. Esta linha férrea, Beira-Tete, estava paralisada há mais de um ano — acrescentou.

Em 9 do corrente as forças da Renamo destruíram um complexo agro-pecuário em Metuchira, na estrada Beira-Zimbabwe.

Deste ataque resultou a morte de 31 elementos da Frelimo, a captura de cinco outros e a destruição de 45 tractores — concluiu o porta-voz da Renamo em Lisboa.